



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DF

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

NAYARA BRUNA EVANGELISTA MELO

**AS AÇÕES VIRTUOSAS COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS
DE UMA VIDA SIGNIFICATIVA**

CAMPINA GRANDE

2020

NAYARA BRUNA EVANGELISTA MELO

**AS AÇÕES VIRTUOSAS COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS
DE UMA VIDA SIGNIFICATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Área de concentração: Ética

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Eugênia Ribeiro Teles.

**CAMPINA GRANDE
2020**

M528a Melo, Nayara Bruna Evangelista.

As ações virtuosas como elementos constitutivos de uma vida significativa [manuscrito] / Nayara Bruna Evangelista Melo. - 2020.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Eugênia Ribeiro Teles ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Ética. 2. Amor. 3. Virtude. 4. Vida. I. Título

21. ed. CDD 170

NAYARA BRUNA EVANGELISTA MELO

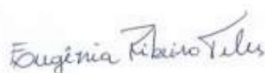
AS AÇÕES VIRTUOSAS COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS
DE UMA VIDA SIGNIFICATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Licenciatura em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Filosofia.

Área de concentração: Ética.

Aprovada em: 14 / 12 / 2020 .

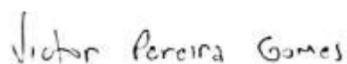
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a. Eugênia Ribeiro Teles (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ramon Bolívar Cavalcanti Germano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Victor Pereira Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Ao Senhor Jesus Cristo, por sempre cuidar
de mim e dos que amo, DEDICO.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	A TESE DE WOLF SOBRE OS SENTIDOS NA VIDA	07
2.1	Os objetos dignos de amor.....	11
2.1.1	<i>As concepções de amor.....</i>	13
3	VIRTUDES.....	15
3.1	O conceito de felicidade e sua relação com as virtudes.....	17
4	AS AÇÕES VIRTUOSAS E OS SENTIDOS NA VIDA.....	20
5	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	24

AS AÇÕES VIRTUOSAS COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE UMA VIDA SIGNIFICATIVA

VIRTUOUS ACTIONS AS CONSTITUTIVE ELEMENTS OF A MEANINGFUL LIFE

Nayara Bruna Evangelista Melo*

RESUMO

A questão dos “sentidos na vida” é um tema que retorna às discussões na ética contemporânea, mas é preciso ressaltar que não se trata especificamente da questão primordial sobre “qual o sentido da vida?”. A pergunta pelos sentidos na vida está relacionada aos atos cotidianos que tornam a vida de uma pessoa expressiva. A esse respeito, a filósofa estadunidense Susan Wolf defende um tipo específico de ações, aquelas pautadas no amor, como constituintes capitais de uma vida significativa. Trata-se de uma teoria relevante, embasada em bons argumentos, mas que apresenta algumas dificuldades tanto em relação a algumas definições como, por exemplo, a definição específica do que é um ato por amor, como em limitar os sentidos na vida apenas a esse tipo de ações. Diante disso, apesar de concordar que as ações motivadas por amor designam sentidos na vida, tem-se fortes evidências que outros tipos de ações, como as virtuosas, podem tornar uma vida significativa. Portanto, este trabalho parte de uma exposição e análise da teoria de Wolf, seguida da apresentação sobre como podemos pensar o conceito de amor e objetiva fazer uma investigação sobre a possibilidade de que as ações virtuosas também engendram sentidos na vida, tomando como base a ética das virtudes de Aristóteles.

Palavras-chave: Sentidos na vida. Ações por amor. Virtude. Ações virtuosas.

ABSTRACT

The question of “meaning in life” is a topic that returns to discussions in contemporary ethics, but it is not only about the essential theme of “the meaning of life”. The inquiry also explores how a meaningful life is related to everyday acts that make a person's life meaningful. In this regard, the American philosopher Susan Wolf defends a specific type of action, one based on love, as essential elements of a meaningful life. This is a relevant theory, based on good arguments, but it shows some difficulties in providing definitions such as what is an act of love, as well as in limiting the meanings in life only to this type of action. Despite agreeing that actions motivated by love generate meaning in life, there is strong evidence that other types of actions, such as virtuous ones, can also make a life meaningful. Thus, this work firstly explains and analyzes Wolf's theory, and secondly clarifying the concept of love and aiming to investigate the possibility that virtuous actions also can engender meanings in life, this investigation is based on the Aristotelian Virtuous ethics.

Keywords: Meanings in life. Actions out of love. Virtue. Virtuous actions.

* Aluna do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba. Endereço eletrônico: nayara20bruna@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a investigar a possibilidade das ações virtuosas serem elementos constitutivos de uma vida significativa. No âmbito da ética, os questionamentos envolvendo as motivações para se praticar determinados tipos de ações não encontra um consenso, ficando aberto a várias possibilidades. Uma dessas possibilidades concerne ao ponto de vista da psicologia moral, que declara que as motivações para as ações estariam atreladas ao eixo egoísmo-altruísmo. Distanciando-se dessa designação, a filósofa norte-americana Susan Wolf defende um tipo de ação que tem por motivação simplesmente o amor, e é esse tipo de ação que faz a vida valer a pena ser vivida. Para ela, a questão dos sentidos está para além dos deveres morais ou das ações normativas, pois encontram-se nas ações feitas por amor. Sendo assim, uma pergunta capital que embasa sua teoria é “o que faz umas vidas serem significativas, e outras nem tanto?”

No seu livro, Wolf brilhantemente elabora o que significa os sentidos na vida, combinando formulações abstratas com elementos que fazem parte do cotidiano das pessoas. Assim, ela diz que os sentidos na vida surgem “quando a atração subjetiva encontra a atratividade objetiva, e a pessoa é capaz de fazer algo a respeito disso ou com isso” (WOLF 2010, p. 26) e que “amar objetos dignos de amor e se envolver com eles de uma forma positiva” (WOLF, 2010, p. 8) é o que doa sentidos nas nossas vidas. Dessa forma, a questão dos sentidos na vida é vinculada à prática de ações que tem como elemento motivador o sentimento de amor.

Concordando com a argumentação de Wolf, uma vez que, de fato, o sentimento de amor é a motivação na vida de muitos, mas cogitando a possibilidade de outras motivações, como por exemplo as virtudes, engendram ações significativas, inicialmente será feita uma explanação da sua teoria, evidenciando os pontos problemáticos, e, ao mesmo tempo, buscando um diálogo com as concepções de amor que o teórico C. S. Lewis nos apresenta. Isso será realizado para que, através da compreensão dessas concepções de amor, seja possível expandir as ações restritas ao âmbito do amor a um domínio mais abrangente das virtudes (compaixão, empatia, bondade, por exemplo) como designadoras de sentidos na vida. No que concerne às virtudes, utilizaremos a concepção clássica aristotélica, que se distingue da concepção usual com a qual estamos mais familiarizados.

Visto que se trata de um trabalho teórico de cunho reflexivo filosófico, tomaremos como base teórica os livros “*Meaning in Life and Why it Matters*”, de Susan Wolf, “Os Quatro Amores”, de Lewis e a “*Ética a Nicômaco*”, de Aristóteles. A partir dessas obras, na primeira seção será apresentada a tese de Wolf acerca das ações motivadas por amor como designadoras de sentidos na vida, bem como alguns problemas decorrentes dessa tese. Resumidamente, Wolf defende que as ações feitas por amor direcionadas aos objetos que são dignos desse amor são o que constituem os sentidos na vida. Entretanto, uma questão se faz pertinente: como designar se algo ou alguém é digno desse amor? Ademais, não encontramos nessa tese uma definição mais acurada sobre que concepção ou concepções de amor ela pressupõe. Por isso, na seção 1.2 mostraremos as concepções de amor propostas por Lewis e a partir dessas concepções, procuraremos contribuir para clarificar o que significa as ações de amor na tese de Wolf. Em seguida, na seção 2, falaremos sobre as virtudes e suas relações com uma vida feliz. Por fim, na seção 3, pressupondo-se que o amor está dentro da categoria das virtudes, analisaremos a

hipótese de que outras ações virtuosas além das ações amorosas, também podem constituir os sentidos na vida.

2 A TESE DE WOLF SOBRE OS SENTIDOS NA VIDA

Uma das questões primordiais que perpassam o âmbito da ética é sobre as motivações que uma pessoa tem para agir. Do ponto de vista das ações morais, será que o simples dever, ou as normas são condições necessárias e suficientes para engendram uma ação? Ou é preciso algo mais que motive essa ação? Existem respostas diversas, mas grande parte elabora suas teorias fundamentando-as na dicotomia egoísmo-altruísmo como a base motivacional da ação moral. Muitas vezes, somos levados a agir por outras motivações que não estão centradas no eixo da moralidade, nem condicionadas à dicotomia supramencionada.

Adentrando em um campo de pesquisa que tem se intensificado contemporaneamente, a saber, sobre os sentidos na vida, a filósofa estadunidense Susan Wolf – uma pesquisadora que trabalha principalmente no campo da ética e suas relações com a filosofia da mente, filosofia da ação, filosofia política e estética – tem suas pesquisas voltadas para psicologia moral, teoria dos valores e ética normativa. É também professora de filosofia na Universidade da Carolina do Norte, Chapel Hill e autora de diversos livros, dentre os quais está *“Meaning in Life and Why it Matters”*, publicado em 2010.

Nessa obra, Wolf inicia expondo alguns dos modelos clássicos da motivação humana, cujas categorias principais vinculadas à psicologia moral são duas: a primeira é a que concebe o ser humano como egoísta, movido e guiado exclusivamente pelas coisas que considera ser do seu próprio interesse. A segunda afirma que o homem precisa agir para além de suas inclinações pessoais e necessita estar engajado em algo superior a si mesmo, caracterizando, assim, um tipo de altruísmo. Um exemplo desse agir para além das inclinações pessoais é o que Kant defende, que, para além de estarem sujeitas a inclinações, as pessoas são capazes de ser movidos e dirigidos apenas pela razão (WOLF, 2010, p. 01).

Intimamente relacionado a esses modelos descritivos da motivação humana, Wolf cita também dois outros modelos prescritivos vinculados à razão prática. O primeiro tipo é o egoísmo racional, no qual encontramos a afirmação de que as pessoas são racionais na medida em que buscam maximizar seu bem-estar. Isso é diferente da tese descritiva do egoísmo psicológico, a qual defende que as pessoas buscam exclusivamente seu próprio bem-estar. O segundo tipo prescritivo é a perspectiva impessoal. Nessa, por sua vez, tem-se o objetivo de fazer o melhor do ponto de vista mais universal (Ibdem).

Para a filósofa, esses modelos clássicos de motivação humana são insuficientes para dar conta totalmente da complexidade dos nossos outros motivos e razões que, de fato, moldam ou dão base para as nossas vidas. As perguntas fundamentais que ela coloca são: “O que queremos quando pensamos em uma vida significativa?” e “O que faz umas vidas serem significativas, e outras nem tanto?” (WOLF, 2007, p. 02). Ela afirma que quando uma pessoa procura por algo que agregue sentidos em sua vida é sinal de que essa pessoa não está feliz, não está satisfeita. “Imagina-se, por exemplo, a dona de casa alienada, cuja vida lhe parece consistir numa série de labores sem fim. O que ela quer, ao que poderá parecer, é algo que possa considerar subjetivamente mais compensador.” (ibdem). É importante ressaltar que quando se fala em algo significativo é sempre em relação a

um sujeito e inclui a ideia de satisfação. Por outro lado, a ausência de sentidos é normalmente associada ao sentimento de vazio e de insatisfação.

Mas, de maneira mais direta, “o que é ter uma vida significativa?” Antes de responder a essa questão ela cita três paradigmas de vidas que não são significativas. A primeira visão, de uma pessoa que desperdiça a vida, é quando ela passa horas fazendo algo de rotina que não agrega valor nem a si nem ao próximo, por exemplo, assistir TV ou séries a maior parte do tempo, passar o tempo todo conectado a um celular sem viver a realidade com os demais; essa pessoa vive conectada, mas ao mesmo tempo é parasita da realidade. A esse tipo de vida, Wolf categoriza como a vida de um paspalho. Ela diz que:

[...] a imagem de uma pessoa cuja vida é passada numa passividade vaga, uma vida que não é vivida num nível desagradável da consciência, mas que não tem conexões seja com quem for ou com o que for, uma vida que não vai a lado algum, e que nada alcança — esta imagem é, proponho, a mais forte imagem que pode haver de uma vida que não é significativa. Chamemos a este caso o Paspalho. (WOLF, 2007, p. 03).

Mas, nem toda vida desprovida de sentidos está enquadrada nessa categoria da vida de passividade do paspalho. Existem vidas totalmente providas de atividades, mas que são estéreis. Um exemplo é quando uma pessoa passa a dar valor a coisas supérfluas, a ocupar seu tempo com atividades, pessoas, coisas etc., que não vão resolver seus problemas e angústias, e muito menos trazer algo de edificante, mas que simplesmente lhe trarão uma ilusão de boa vida. Quanto a esse tipo de vida Wolf (2007, p. 03) diz que “podemos imaginar, por exemplo, uma pessoa rica ociosa que esvoaça de um entretenimento para outro, lutando contra o tédio. Faz compras, viaja, come em restaurantes caros, e faz exercício físico com o seu treinador pessoal.” Esses tipos de atividades parecem vãs e vazias.

E, por último, ela mostra o exemplo de uma vida que aparentemente possui sentidos, pois a pessoa se dedica e se envolve naquilo que faz, mas acaba por fracassar. Esses casos designam o que ela denomina do tipo de vida no qual a pessoa pode literalmente ficar na bancarrota: “por exemplo, um homem pode dedicar a sua vida a criar e construir uma companhia para passar aos seus filhos, mas pouco antes da sua planejada reforma a tecnologia torna obsoleto o produto que a sua companhia manufatura.” (WOLF, 2007, p. 03). O que chama atenção nesses casos não é a passividade da vida do paspalho, nem as atividades vãs dos ociosos ricos, mas é o fato das pessoas se dedicarem e se envolverem em projetos que poderiam constituir sentidos nas suas vidas, mas que acabam por fracassar.

É a partir dessas considerações sobre vidas de “bancarrota”, dos “casos estéreis” e da “passividade do paspalho” que Wolf contribui com uma outra perspectiva a respeito das motivações para as ações. Para ter uma vida significativa, uma pessoa deve atender a duas condições: 1- deve se entregar ativamente a algo (projetos, atividades, relações) que tenha um valor positivo (não em uma perspectiva subjetiva, mas objetiva), que seja bem-sucedido; 2- entregar-se de forma ativa a projetos de forma a se identificar com o que faz, tornando-o parte de sua vida. Isso fica claro quando ela diz que:

Assim, preocuparmo-nos em ter uma vida significativa é, segundo a minha proposta, preocuparmo-nos em ter uma vida de entrega ativa, e pelo menos em parte bem-sucedida, a projetos (entendendo este termo numa acepção lata) que não parecem apenas ter valor positivo, mas que realmente o têm. Preocuparmo-nos em ter uma vida significativa, por outras palavras, é em

parte preocuparmo-nos em fazer algo com a nossa vida que seja, perdoe-se a expressão, pelo menos de algum modo objetivamente bom. Devemos ter cuidado, contudo, para não identificar o bem objetivo como bem moral, pelo menos se entendermos o valor moral como algo que envolve essencialmente beneficiar ou honrar a humanidade. A preocupação com o sentido na nossa vida não parece o mesmo que a preocupação com o valor moral, nem os nossos juízos sobre que géneros de vidas são significativas parecem alinhar-se com juízos de carácter ou realização moral. (WOLF, 2007, p. 05)

Os tipos de ações que permitem esse nível de engajamento positivo e entrega nos projetos é específico e extrapola a dicotomia egoísmo-altruísmo, pois são ações motivadas por amor. As razões de amor são os componentes essenciais das ações que designam sentidos na vida. Isso fica evidente quando ela diz que:

A minha afirmação é que as razões de amor – sejam elas direcionadas aos indivíduos humanos, aos outros seres vivos, às atividades, aos ideais ou aos objetos de outros tipos – têm um papel característico e importante nas nossas vidas. Não deveriam ser assimiladas às razões de auto-interesse ou de moralidade. Enquanto nós falharmos em reconhecer e apreciar a legitimidade e valor destas razões, nós entenderemos mal os nossos valores e a nós mesmos, e distorceremos os nossos problemas. (WOLF, 2007, p. 5-6, tradução nossa).¹

À vista disso, percebemos que Wolf busca instruir que, muitas das nossas ações não estão focadas no altruísmo, no nosso prazer, ou em alguma moralidade. Mas que vão além e que o ideal seria estarmos cientes da importância do valor dessas razões de amor nas nossas ações, de como elas estão sendo direcionadas e como elas contribuem para designarem sentidos nas nossas vidas. Wolf não deseja que sua concepção seja usada em todo contexto de forma generalizada, mas que ela possa ser usada para contribuir com a inquietação que todos nós temos “o que devemos fazer para viver uma vida digna de ser vivida”. Ela explica a significância como uma categoria adicional que nos orienta para uma boa vida e que está ao lado, mas é distinta das outras duas categorias, a saber, moralidade e interesse próprio. Ademais, Wolf utiliza uma conotação mais popular para explicar sua tese acerca dos sentidos na vida, dividindo-a em uma parte subjetiva e outra objetiva:

Entendida desta forma, a primeira visão, (“encontre sua paixão”) pode ser entendida como uma forma de defender algo semelhante ao elemento subjetivo contido em minha análise da significância proposta, enquanto a segunda visão, (“seja parte de algo maior do que você mesmo”) nos motiva a satisfazer a condição objetiva. (WOLF, 2007, p. 11, tradução nossa).²

Conforme já mencionado, ela desenvolve seu pensamento a partir da concepção de que a significância de uma vida acontece quando a atração subjetiva

¹ My claim then is that reasons of love - whether of human individuals, other living creatures, or activities, ideals or objects of other sorts - have a distinctive and important role in our lives. They are not to be assimilated to reasons of self-interest or reasons of morality. Insofar as we fail to recognize and appreciate the legitimacy and value of these reasons, we misunderstand our values and ourselves and distort our concerns. (WOLF, 2010, p. 5-6).

² Understood this way, the first view, (“find your passion”) may be understood as a way of advocating something similar to the subjective element contained in my proposed analysis of meaningfulness, while the second view, (“be part of something larger than yourself”) urges us to satisfy the objective condition. (WOLF, 2007, p.11)

– o sentimento de amor do sujeito – encontra a atratividade objetiva – o objeto digno de amor – que evocou a atração no sujeito. Isso significa que, para alguém ter sentidos na vida é preciso estar totalmente comprometido com algo ou alguém, e não indiferente. Dessa forma, a relação entre o sujeito e o objeto compreende dois pré-requisitos básicos: um componente subjetivo, que concerne ao sentimento de amor do agente, e um componente objetivo, que concerne ao objeto do amor. Não basta ao sujeito amar algo ou alguém, é necessário que o objeto de amor seja digno desse amor ou de ser amado. Segundo Wolf, quando uma pessoa está insatisfeita com o rumo de sua vida, é porque ela não está realizada na qualidade subjetiva e, conseqüentemente, lhe falta um bem objetivo que seria o objeto de amor.

Além disso, Wolf esclarece sobre a utilização da visão popular que nos incentiva a “perseguir nossas paixões”. O motivo para seguir com esse tipo de visão é porque ela proporciona um bom sentimento, e para muitos ter bons sentimentos implica em ter mais significância na vida. Ela denomina os sentimentos de excitação ou de fazer o que se ama que são totalmente diferentes daqueles sentimentos ruins de tédio e alienação. Um ponto que Wolf critica a respeito dessa visão é que muitas das coisas com as quais realmente nos importamos também nos trazem dor, ansiedade, preocupação, lágrimas, entre outros sentimentos desta modalidade. Dessa forma, para Wolf, essa visão é insustentável, pois sentimentos de realização adquiridos sem se importar com o valor da paixão é um risco. A filósofa traz como reflexão o mito de Sísifo rerepresentado por Albert Camus e que trata da condição do absurdo da vida. Desta feita, a vida após a morte desse personagem tem sido comumente tratada como um paradigma de uma existência sem sentido. Mas Wolf aproveita esse exemplo para expor que a persistência de Sísifo em carregar a pedra tem um valor subjetivo de realização, mas o que lhe falta é algo objetivo que dê sentido a toda sua persistência.

Wolf coloca as principais perspectivas de motivação humana inter-relacionadas. A primeira visão nos diz que não importa o que você faça da sua vida, contanto que seja algo que você ame; já a segunda visão é a busca sobre algo maior que nós mesmos (algo, em outras palavras, que é maior que nós, não em tamanho, mas em valor; algo cujo valor é independente e tem sua fonte fora de si).

Nessa perspectiva bipartida, para uma vida ser significativa uma condição objetiva e outra subjetiva deveriam ser satisfeitas: Uma vida significativa é uma vida que: a.) o sujeito ache gratificante, e b.) contribua para alguma coisa de valor que seja externa ao sujeito. (...) A proposta que eu defendo, a qual identifica o sentido com uma condição em que os componentes subjetivo e objetivo estão adequadamente conectados, concebe o significado de uma forma mais unificada. (WOLF, 2010, p. 20, tradução nossa)³

Apesar da tese de Wolf ter seu ponto central nas ações efetivadas por amor, duas questões são levantadas: a primeira é como valorar quem ou o que é digno de ser amado e a segunda concerne diretamente sobre a que concepção de amor ela se refere. Como sabemos, existem várias perspectivas através das quais o amor pode ser pensado, desde uma concepção mais popular até uma concepção mais filosófica ou teológica. Assim, em 2.1 falaremos sobre como julgar um objeto com

³ On this bipartite view, in order for a life to be meaningful both an objective and subjective condition must be met: A meaningful life is a life that a.) the subject finds fulfilling, and b.) contributes to or connects positively with something the value of which has its source outside the subject. The proposal I favor, which identifies the meaning with a condition in which the subjective and objective components are suitably linked, conceives of meaningfulness in a more unified way.

sendo digno de ser amado e em 2.1.1, falaremos sobre algumas concepções de amor apresentadas por Lewis.

2.1 Os objetos dignos de amor

Conforme mencionado anteriormente, a tese de Wolf sobre a construção dos sentidos na vida possui uma parte subjetiva (o sentimento de amor) e uma parte objetiva (a valoração do objeto ser digno ou não de ser amado) e esses são conceitos indissociáveis, de forma que a ênfase está sempre em ambos. Assim, para Wolf, atos do tipo “visitar o irmão no hospital”, “passar a noite costurando uma fantasia para a filha participar da festinha da escola”, “ajudar um amigo a fazer sua mudança”, são ações feitas por razões de amor que fogem as designações morais e do interesse próprio. Nesse caso, “o irmão”, “a filha” e “o amigo” são os objetos que devem ser valorados se são dignos ou não de serem amados.

Wolf reconhece a dificuldade de valorar aquilo que é digno ou não de ser amado. Nesse aspecto, ela apela para uma valoração objetiva, ou seja, uma valoração que esteja para além do sujeito, que seja externa a ele. Por exemplo, supondo que seja um amigo que está hospitalizado e que ele seja o tipo de pessoa que mantém uma amizade apenas por interesses próprios. Não havendo uma reciprocidade na relação, ele só procura a outra pessoa quando precisa de alguma coisa e nunca está disponível para ouvir e ajudar o outro. De acordo com esse cenário, apesar da pessoa agir por amor ao ir visitar esse amigo convalescente, atendendo à condição subjetiva da tese, quando se faz uma avaliação se esse amigo merece ou não esse amor, chega-se à conclusão de que ele não o merece pelas razões acima mencionadas.

Essencialmente, Wolf defende a ideia de que a vida de uma pessoa só pode ter sentidos se essa pessoa se preocupa profundamente com alguma coisa ou com alguém, ou seja, se ela está engajada, interessada, se ela ama – no exemplo acima vimos que esses requisitos são atendidos – mas além disso, é necessário que as coisas ou as pessoas envolvidas nessa atividade sejam dignas desse amor que lhes é direcionado. É nesse aspecto que surge a questão de como é feita essa valoração e percebemos que essa parte da tese não está isenta de problemas:

Esta caracterização abstrata da significância deixa muitas perguntas em aberto e muitos desafios sem resposta. Não surpreendentemente, talvez, as questões mais urgentes e os desafios mais sérios têm a ver com o lado “objetivo” da proposta, isto é, com a categoria que tenho referido em termos de adequação (para realização pessoal), dignidade (de amor), e valor tanto independente, como objetivo. Quais projetos, pode-se perguntar, são adequados para a realização? Quais objetos são dignos de Amor? Como alguém determina se uma atividade é adequada ou digna ou de valor independente? Por falar nisso, por que aceitar a legitimidade desses julgamentos em tudo? ⁴ (WOLF, 2007, p. 96, tradução nossa)

⁴ This abstract characterization of meaningfulness leaves many questions open and many challenges unanswered. Not surprisingly, perhaps, the most pressing questions and most serious challenges have to do with the “objective” side of the proposal—that is, with the category I have variously referred to in terms of fittingness (for fulfillment), worthiness (of love), and independent, as well as objective, value. Which projects, one wants to know, are fitting for fulfillment? Which objects are worthy of love? How does one determine whether an activity is fitting or worthy or of independent value? For that matter, why accept the legitimacy of these judgments at all? (WOLF, 2007, p. 96)

Como vemos, no que concerne a esse ponto específico, Wolf é muito abrangente ao aceitar qualquer coisa, seja um projeto, uma atividade, uma pessoa, ou mesmo um objeto, os quais um significativo número de pessoas encontra e julga como valioso ao longo do tempo. Essa definição é problemática, porque ao mesmo tempo em que não tem um referencial extra como algum princípio que pautasse esses julgamentos, ela deixa tudo muito aberto, uma vez que não fica definido qual seria essa quantidade de pessoas que pode valorar o objeto para que seja significativo. Ela ressalta que:

Para a pergunta: “Quem dirá quais projetos são valáveis independentemente e quais não?”. Minha resposta é: “Ninguém em particular”. Nem eu, nem qualquer grupo de especialistas em ética ou acadêmicos – nem outro grupo imaginável – tem competência qualquer, que faz o julgamento deles seja confiável. Em vez disso, perguntas como “Quais projetos são valiosos?” e “Quais atividades valem a pena?” estão abertas a todos e qualquer pessoa para perguntar e tentar responder, e presumo que nós responderemos melhor se reunirmos nossas informações, nossa experiência e nossos pensamentos. (WOLF, 2010, p. 39-40, tradução nossa)⁵

Ao mesmo tempo que existe a necessidade de se apelar para a objetividade, essa fica restrita a um “significativo número de pessoas”. Isso seria um problema, porque percebemos falhas em algumas convicções geradas na sociedade, por meio de alguma regra, costume, padrão, cultura, ideologia etc. Por exemplo: para a pessoa que está em um relacionamento abusivo e tem a crença que se deve aguentar tudo por amor, o abusador será um objeto digno de ser amado, já que ela direciona seu sentimento e suas ações a esse alguém. Mas, do ponto de vista da legalidade, o abusador não é um objeto digno de ser amado.

Assim sendo, Wolf argumenta de forma persuasiva sobre a necessidade de vincular a ação à avaliação. Porém, é inegável a fragilidade desse argumento quando percebemos que o valor de algo vai depender de variáveis, de forma que muitas das coisas são por nós valoradas através do conjunto de valores provenientes da cultura, família, classe, condições financeiras, tradição, época, lugar, entre outras coisas nas quais estamos inseridos. Por isso, apesar da pretensão de objetividade, parece que o valor de algo vai ser relativo ao sujeito, ou a um grupo de sujeitos.

Diante disso, podemos pensar que essa objetividade requerida pela segunda parte da tese de Wolf esteja assentada na premissa de uma avaliação que independa do sentimento de amor do sujeito e que seja embasada em razões objetivas que são encontradas fora do sujeito. Assim, quando uma pessoa sente amor por outra, a despeito desse sentimento ela deve se questionar se o sentimento é recíproco, se o sentimento é apropriado, se ela tem razões para direcionar esse sentimento. Se isso é praticável ou não seria outra questão.

Para além das dificuldades de se chegar a um denominador comum sobre a questão da valoração sobre o que é ou não digno de ser amado, outra coisa que não

⁵ To the question, ‘Who’s to say which projects are independently valuable and which are not?’ my answer is, ‘No one in particular.’ Neither I, nor any group of professional ethicists or academicians-nor, for that matter, any other group I can think of-have any special expertise that makes their judgement particularly reliable. Rather, questions like, ‘which projects are valuable?’ and ‘Which activities are worthwhile?’ are open to anyone and everyone to ask and try to answer, and I assume that we will answer them better if we pool our information, our experience, and our thoughts. (WOLF, 2010, p. 39-40)

fica clara na tese de Wolf é sobre que concepção de amor ela usa, por isso, a seguir nos questionamos que concepção poderia ser essa que abarca não apenas pessoas, mas também projetos, atividades e objetos, elementos esses que fazem parte do conjunto ao qual serão direcionadas as ações de amor.

2.1.1 As concepções de amor

Um aspecto relevante que devemos considerar é que, apesar da teoria de Susan Wolf afirmar que o sentido da vida é baseado em ações por amor, ela não conceitua o que seja o amor. Ela não define se existe uma distinção entre o amor que alguém sente pelas pessoas e o amor que é sentido pelos projetos, atividades e objetos. Será que dizer “eu amo meu irmão” significa o mesmo que dizer “eu amo estudar filosofia”? Por isso, buscamos compreender um pouco mais sobre o amor e suas nuances através das concepções de amor apresentadas por Lewis.

C. S. Lewis é considerado por muitos como um dos gigantes intelectuais do século XX. Lewis era professor e tutor de Literatura Inglesa na Universidade de Oxford até 1954; foi eleito para a cadeira de Inglês Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge, posição que manteve até a aposentadoria. Ele foi um renomado escritor apologista cristão, usando a lógica e a filosofia para apoiar os princípios de sua fé.

Apresentar o conceito de amor de Lewis constitui-se uma tarefa relativamente simples. Em primeiro lugar, deve ser pontuado que o autor elabora a sua definição de amor tendo como referencial o cristianismo. Ele também classifica o amor de forma quádrupla. O amor pode ser comunicado de quatro maneiras: Afeição, a forma mais básica de amar; Amizade, considerada a mais rara; Eros, o amor apaixonado; e Caridade, o maior e menos egoísta deles.

Lewis, ao iniciar os estudos sobre o amor, teve como ponto de partida a afirmação de São João de que “Deus é amor”. A partir disso, ele seria capaz de dizer que os amores humanos mereciam ser chamados de amores, na medida em que se parecessem com esse amor que é Deus. Essa resposta não foi o suficiente. Portanto, ele seguiu sua investigação, fazendo uma série de distinções. Primeiramente, distinguiu dois tipos de amor: O amor-Dádiva e amor-Necessidade. O primeiro amor seria um sentimento mais associado ao ato de dar sem esperar algo em troca, “O exemplo típico do amor-Dádiva seria aquele amor que leva um homem a trabalhar, planejar e poupar para o futuro bem-estar de sua família, que ele morrerá sem compartilhar ou ver” (LEWIS, 2017, p.11). O segundo amor seria algo do tipo “aquilo que envia uma criança solitária ou assustada aos braços de sua mãe” (LEWIS, 2017, p.11): necessitar de algo ou de alguém de forma íntegra.

Foram essas as definições iniciais. As diferenças dos tipos de amor estariam também refletindo a natureza divina e a humana, pois a primeira distinção está mais associada à natureza divina e a segunda reflete a nossa natureza humana. Diante disso, Lewis pensou que poderia apenas elogiar o amor-Dádiva e menosprezar o amor-Necessidade, mas percebeu que, ao fazer isso, poderiam acontecer dois problemas: 1) a violação da linguagem, que é algo que Lewis adverte, pois as palavras não podem significar o que quisermos, isso seria um risco em sua visão; 2) a ligação do amor-Necessidade a um mero egoísmo, pois, para ele, esse tipo de amor é necessário para nós, porque esse sentimento é o que faz a gente buscar a presença do outro e suplicar a Deus.

Segundo Lewis, podemos ser capazes de trazer algo mais que o amor-Necessidade, mas isso será construído sobre este amor. Inclusive, em sua

perspectiva nós nos aproximamos mais de Deus quando somos menos semelhantes a Ele. Neste ponto de aproximação, Lewis fala que a proximidade de Deus pode ser pensada de diferentes maneiras. A primeira forma é a semelhança. Isso significa que tudo que Deus criou tem uma semelhança com Ele. Também supõe uma hierarquia neste sentido, onde os humanos estariam mais próximo de Deus do que os animais, porém estariam abaixo dos anjos. Já a outra forma de aproximação é a de abordagem, o que implica uma união voluntária no todo.

A principal questão nesta primeira parte é que Deus é amor, mas o amor não é Deus. Lewis quer nos mostrar que quando elevamos demais o amor a algo ou a alguém de forma natural, porém exagerada, sem sermos seletivos em relação ao alvo para onde estamos direcionando todo esse sentimento, tornamo-nos autoritários, idólatras e detratores. Nesse ponto, podemos ver uma semelhança com a asserção de Wolf em relação à valoração do objeto a que é atribuído o amor. Da mesma forma, para Lewis, é preciso ter um equilíbrio e um bom discernimento a respeito de como direcionamos o amor. No decorrer da obra, ele vai expor como nos relacionamos com o próximo e com Deus através do Amor-Necessidade e do Amor-Dádiva, e de como eles se comportam nos diferentes tipos de amores naturais: Afeição, Amizade, Eros, além do amor mais próximo do divino – a Caridade.

Conforme Lewis, nós fazemos uma hierarquia de sentimentos do gostar ao amar, e é normal gostar de algo e amar alguém. Nessa perspectiva é que pensamos na possibilidade de distinguir, na tese de Wolf, os objetos do amor enquanto “gosto” (gostar de filosofia, de praticar piano, de dançar) e amor relacionado às pessoas e aos animais, configurando uma relação ativa e que envolve reciprocidade. Pelo gostar temos algum tipo de prazer envolvido. Lewis faz duas divisões de prazer: o prazer-Necessidade, que necessita de um desejo, e o prazer-Apreciação, que é o prazer em si e não precisa de um desejo que o antecipe. Ambos os prazeres se conectam. De acordo com Lewis, o prazer-Necessidade é algo que morre em nós logo depois que saciamos o nosso desejo. É algo totalmente passageiro. Mas, quando ele é direcionado a DEUS, é diferente, porque ele nunca acaba, pois sempre necessitamos de DEUS. O que pode mudar essa dependência é se a nossa consciência sobre essa necessidade desvanecer com o tempo. Então, essa necessidade também irá findar em nós. Diferentemente do prazer-Necessidade, o prazer-Apreciação não pode ser breve. Ele é até certo ponto desprendido de interesses, e, quando dedicado a DEUS, se torna uma adoração sincera. Mas, quando é direcionado às pessoas, se torna uma admiração profunda.

Explicando mais sobre as ligações e diferenças dos tipos de amor que existem na visão de Lewis, a Afeição é o amor mais humilde, universal, e menos melindroso dos amores naturais. É aquele sentimento que nos faz nos apegarmos àquelas pessoas com quem convivemos no dia-a-dia. É, por exemplo, o carinho por aquele primo distante que você só se dá conta de que sente falta quanto o perde. Já a Amizade é o menos ciumento e possessivo dos amores, pois sempre se alegra quando um recém-chegado é agregado ao grupo. Ele se inicia com os interesses em comum e costuma incomodar líderes e governantes, pois amizades sinceras são capazes de colocar em xeque sistemas que têm como objetivo controlar. O Eros é o mais sensual dos amores: Lewis faz uma distinção entre ele e Vênus, esse último representando puramente o instinto carnal. O Eros não deseja apenas o ato sexual em si, mas uma pessoa em particular; faz o amante desejar a pessoa amada e não apenas o prazer que ela pode oferecer. Quando um casal está sob influência de Eros, é capaz de suportar as maiores dificuldades, pois é melhor padecer ao lado do amor de sua vida do que viver sozinha sem ele. Já a Caridade é o amor que vai

aperfeiçoar os amores naturais e impede que eles sejam corrompidos pela natureza humana e nossas piores inclinações; é o amor mais próximo de DEUS. Pois é apenas quando nos aproximamos do amor de Deus que os nossos amores se desprendem do egoísmo e outros vícios e se tornam verdadeiramente aquilo que deveriam ser.

Mas, nos perguntamos até que ponto esses diferentes tipos de amor podem influenciar na constituição de uma vida significativa, conforme apresenta a tese da significância de Wolf. É uma das possibilidades é utilizar a distinção que Lewis faz entre gostar e amar para aplicarmos aos elementos que constituem o conjunto de objetos de amor na tese de Wolf.

De maneira geral, percebemos que o amor nos torna pessoas melhores; deste modo, ele nos proporciona lapidar as nossas inclinações, nos tornando seres menos egoístas e nos motivando a fazer o melhor que podemos pelos objetos do nosso amor. Nessa perspectiva, podemos conceber o amor como uma das virtudes capitais; ademais, outras virtudes seriam componentes desse sentimento. Até porque, o amor proporcionaria não apenas sentidos nas nossas vidas, mas também poderia contribuir para uma vida mais feliz. Quando fazemos algo por e para as pessoas que amamos motivados pelo amor, o simples fato de fazê-lo já nos traz uma grande satisfação. Em relação às pessoas é mais fácil conceber esses atos por amor, mas quando alargamos as concepções de amor propostas por Lewis para projetos, atividades e objetos, podemos pensar na possibilidade de se tratar de um gostar conforme a gradação que ele elaborou. Assim, vemos a possibilidade de que em relação aos projetos, atividades e objetos se trate de outro tipo de amor, distinto do relacionado às outras pessoas e aos animais. Um amor que não precisa de uma relação de reciprocidade, nem de troca, mas apenas ao nível de sentir uma satisfação por fazer aquilo que empolga, de satisfazer um desejo, ou de executar uma atividade prazerosa, ou seja, um amor que está mais relacionado à questão dos gostos do que de uma relação amorosa propriamente dita.

Feitas essas poucas considerações em relação ao amor e levando-se em conta essa distinção entre “amor” e “gosto”, e, compreendendo que ambos são importantes para uma vida bem vivida e satisfatória de forma a constituir sentidos, pensamos na possibilidade de que o amor inclui outras virtudes na sua efetivação. Bondade, compaixão, temperança, justiça e respeito, por exemplo, por estarem contidas ou associadas ao que chamamos de amor, podem ser o *motus* de ações significativas na vida das pessoas. Assim sendo, utilizando o conceito clássico de virtude (*areté*) em Aristóteles, tentaremos mostrar como as ações virtuosas também designam sentidos nas vidas das pessoas.

3 AS VIRTUDES

Concordamos com Wolf quando ela diz que as ações por amor são constitutivas dos sentidos na vida, pois é notório como os atos amorosos direcionados para quem amamos e para as coisas que realizamos enchem nossas vidas, não apenas de sentidos, mas também de bem estar. Porém, nos questionamos se essas são as únicas fontes de significância. Ao retornarmos ao pensamento grego do período clássico, podemos ter outras perspectivas. Para Sócrates, por exemplo, a essência do homem é a sua *psiqué*. Essa tese traz consigo várias implicações, das quais podemos destacar que a virtude do homem, sua *areté*, é o conhecimento. Ele chega a fazer equivaler o bem moral ao próprio

conhecimento. Então, a busca pelo conhecimento é uma disposição do caráter humano e a vida pautada por esse princípio é uma vida que vale a pena ser vivida.

Para Sócrates, de acordo com sua concepção de homem, somente aquele que desenvolver a sua *areté* é capaz de ser livre e viver uma vida feliz. O conceito de liberdade para ele está ligado intrinsecamente ao domínio das paixões. É quando a razão exerce sua soberania sobre os instintos do corpo, fazendo com que o homem seja senhor de si: “O verdadeiro homem livre é aquele que sabe dominar os seus instintos, o verdadeiro homem escravo é aquele que, não sabendo dominar seus instintos, torna-se vítima deles.” (REALI; ANTISERI, 2003, p. 91). É importante, percebermos que nessa perspectiva, as emoções ou as paixões assumem uma conotação pejorativa como se fosse algo pernicioso ao ser humano e, portanto, precisa ser dominado pela razão. Nesse sentido, não encontramos propriamente uma distinção entre as emoções negativas e as positivas, as quais podem aumentar a qualidade de vida das pessoas.

Atrelado ao conceito de liberdade está o de felicidade ou *eudaimonia*. Trata-se de uma felicidade que vem de dentro, que independe das coisas externas. É a felicidade que vem da alma, por estar em concordância com sua essência, ou seja, quando é virtuosa. Após Sócrates, *psiqué*, *areté* e *eudaimonia* passaram a ser conceitos-chaves nas éticas clássicas. Lembrando que as questões éticas daquela época não passavam pela questão de “o que devo fazer” ou “como devo agir”, mas sobretudo pela questão de “como devemos viver para ter uma vida boa”. Essa questão não teria como ser respondida naquela época sem considerar a perspectiva de viver uma vida virtuosa, pautada na excelência de caráter humano. Dessa forma, podemos dizer que as ações virtuosas eram os próprios constituintes dos sentidos nas vidas dos gregos, pois o que eles buscavam era o bem supremo, que só era alcançado através de uma vida virtuosa.

Desde Sócrates, considerado o progenitor da filosofia moral, a ética se desenvolveu tendo como base a relação que se dá entre virtude e felicidade. O que iria distinguir mais precisamente as várias teorias morais da época era o tipo de ligação que os filósofos pressupunham entre esses dois componentes. Na contemporaneidade, é de grande relevância a retomada do interesse nas contribuições de Aristóteles, principalmente sobre a ética das virtudes, com foco na *Ética a Nicômaco*. Aristóteles tem o objetivo de tratar sobre o Bem supremo, a felicidade (*eudaimonia*); conseqüentemente, a virtude é uma atividade da alma que vai contribuir no alcance dessa *eudaimonia*. Na *Ética a Nicômaco* (Livro 1) ele deixa isso claro:

A felicidade, acima de todas as outras coisas, parece ser de tal tipo, já que nós a escolhemos sempre por si mesma, e jamais em vista de outra coisa; a honra, o prazer, a razão e todas as virtudes, também nós as escolhemos por si mesmas (pois mesmo que resultem em nada, ainda assim as escolheríamos), mas as escolhemos também em favor da felicidade, e é através delas que pensamos ser verdadeiramente felizes. Mas a felicidade nunca é escolhida graças a estes bens, senão por si mesma. (ARISTÓTELES, 2016, 1097b, p. 24).

Nesta busca, um caráter virtuoso é necessário para se alcançar a finalidade da vida humana, por isso, ser virtuoso é decorrência da construção de uma disposição correta, fruto de bons hábitos e de uma boa educação. Também é bom enfatizar que a virtude aristotélica não deve ser incluída apenas na felicidade individual, mas também faz parte da política e do social (*pólis*), pois “a conduta humana depende a viabilidade da *polis*” (HOBUSS, 2011, p. 10). Portanto, não há

distinção entre felicidade do indivíduo e a felicidade da sociedade, visto que esta é apenas o reflexo daquela.

Diante desse *revival* das virtudes no pensamento ético, somos levados a cogitar a possibilidade de que as ações virtuosas, juntamente com suas conexões, engendram sentidos na vida das pessoas que praticam esse tipo de ação. No intuito de verificar essa possibilidade, começamos por tentar compreender a concepção de virtude nas éticas clássicas e em seguida buscaremos a relação entre as virtudes e uma vida feliz, de forma que essa conexão seja designadora de sentidos na vida.

3.1 O conceito de felicidade e sua relação com as virtudes

Conforme já mencionado, a felicidade, para Aristóteles, é o bem supremo. Em sua obra *Ética a Nicômaco*, ele explica que todas as ações humanas tendem a um fim, isto é, à realização de um bem específico; e esta realização está ligada ao fim último, que é a felicidade (o bem supremo).

Segundo Aristóteles, a maior parte dos homens busca o prazer ou a riqueza; outros, a honra e o sucesso. Mas estes “bens” têm um defeito, isto é, põem o homem em dependência daquilo de que dependem. Portanto, a felicidade não está ligada a tais coisas, pois, se estivesse, seria algo totalmente deplorável, visto que ela precisa ser autossuficiente e independente de qualquer coisa. Ele afirma que o homem, enquanto ser racional, tem como fim a realização desta sua natureza específica, e exatamente na realização desta sua natureza de ser racional consiste em sua felicidade, porque a razão é um fim intrínseco à natureza humana. Aristóteles esclarece também que ela não deve ser confundida com os prazeres, mas, sim, em seu sentido mais elevado, deve ser entendida como a contemplação das verdades eternas, a atividade característica do sábio ou do filósofo. Para ele, o percurso para a boa vida é possuir virtudes que conseqüentemente levariam à felicidade. Também para ele, a felicidade é uma atividade em acordo com a virtude. “A resposta à questão que colocamos surge claramente também da nossa definição de felicidade. Dissemos, de fato, que era uma atividade da alma conforme a virtude” (ARISTÓTELES, 2016, p. 30).

Nesse sentido, Aristóteles está procurando o fim específico do ser humano. E justamente por isso, ele classifica a alma em três tipos diferentes e hierárquicos, que são: 1) alma vegetativa (é a alma dos vegetais, que nasce, cresce, reproduz e morre); 2) alma sensitiva (faz parte dos animais irracionais, é uma alma que tem sensações do tipo dor, alegria, raiva etc.); 3) alma racional (faz parte exclusiva do homem; é a razão, e além do homem ter a alma vegetativa e sensitiva, ele também possuirá a capacidade intelectual). Para ser feliz, o homem precisa realizar as virtudes de sua alma vegetativa e sensitiva também. A questão é que sua felicidade só estará completa se ele realizar o que é especificamente seu, a alma racional. As virtudes éticas, que estão ligadas ao campo prático, fixam o fim do ato moral e vão contribuir para que a alma racional comande a alma sensitiva, controlando os impulsos e as paixões. Elas também irão buscar a “justa medida” entre o “excesso” e a “carência”, e por meio dessa aquisição se transformará em *habitus* e deste modo, constituirão a personalidade moral do indivíduo. Já as virtudes dianoéticas são as que dirigem o homem para o conhecimento de verdades imutáveis e para o sumo Bem. Uma dessas virtudes dianoéticas é a sabedoria prática (*phronesis*), que consiste no conhecimento prático de como agir de forma equilibrada, sem tender para o excesso nem para a falta. Por não haver uma medida exata na ação virtuosa, pois às vezes, dependendo das circunstâncias, pode-se tender um pouco mais para

o excesso ou para a falta sem chegar ao extremo, atividade que requer o concurso da razão prática. É ela que vai dirigir a vida moral do homem, bem como guiá-lo para o fim puramente contemplativo, e então se tem a sapiência (*sophía*). A contemplação é o ponto mais alto (máxima felicidade); representa o sumo Bem para o homem; é a virtude cuja realização não depende de nada, sendo, portanto, a mais autônoma.

Para alcançarmos a felicidade, precisamos viver racionalmente, e isso significa viver segundo a virtude. Por isso que a virtude significa a excelência humana, a capacidade de discernir de saber o que fazer e como fazer. Percebemos que para Aristóteles cada dimensão da alma humana tem a sua virtude. Quando se fala do ser humano, pode-se dizer que sua virtude específica é ser racional. Mas, o ser humano também tem virtudes sensitivas e vegetativas e ser virtuoso significa agir de acordo com a virtude, ou seja, transformar a potência em ato. O homem pode ser naturalmente racional, mas pode não agir racionalmente; pode ter a capacidade de amar, mas não agir com amor e assim por diante em relação a todas as virtudes.

As virtudes éticas são adquiridas pelo hábito, ou seja, é necessário praticá-las, exercê-las efetivamente para nos tornarmos virtuosos. Não basta conhecer o bem para tornar alguém uma pessoa boa; é necessário se praticar atos de bondade. A virtude é uma boa ação, no quesito que vai realizar um fim, e este vai dar base para um plano de vida. Ela também irá depender de um julgamento de um discernimento; ela ajudará a excluir os extremos e alcançar o meio termo (*mesótês*), que é justamente o justo meio entre o excesso e a falta. As virtudes são entendidas como “excelência de caráter” que é a disposição de agir de acordo com o que há de mais elevado na natureza humana. Isso implica que um ser virtuoso é quem é perfeito de acordo com sua natureza. Quanto às virtudes sensitivas, ele nos diz que:

Assim, no temor, na audácia, no apetite, na cólera, na piedade, e de modo geral em todo o sentimento de prazer e de dor, é possível encontrar o excesso e a deficiência, os quais não são bons, nem um nem outro; ao contrário, sentir essas emoções no momento oportuno, ao objeto e às pessoas que convêm, pelas razões e da maneira necessária, isso é ao mesmo tempo meio-termo e excelência, características que pertencem precisamente à virtude. (ARISTÓTELES, 2016, p. 47)

Na visão aristotélica, a virtude intelectual da razão prática é indissociável das virtudes morais e da parte afetiva da alma. Ele diz que as virtudes morais fundamentam os justos meios das ações e das paixões, e que isso não implica que todo tipo de ação e paixão possa ter um justo meio virtuoso: há algumas que para ele isso é completamente impossível, como por exemplo o adultério, o roubo, a malquerença, a impudência, a inveja e o assassinato. A ação virtuosa é justamente fundamentada na escolha virtuosa, e esta escolha é o desejo refletido, de modo que se a escolha for boa, a reflexão e o desejo terão de ser bons; ademais, é preciso o conhecimento prático a fim de encontrar a mediania entre o excesso e a falta de acordo com cada situação. Quanto a isso, Aristóteles nos diz que:

Ainda de modo semelhante, no que concerne às ações, pode existir o excesso, a deficiência e o meio-termo. Ora, a virtude tem relação às afecções e às ações nas quais o excesso é erro e a deficiência objeto da culpa, uma vez que o meio-termo é objeto digno de louvor, e acertar e ser louvada é próprio da virtude; a virtude é então um tipo intermediário, na medida em que ela visa ao meio-termo. (ARISTÓTELES, 2016, p. 47)

Outro ponto digno de nota é a diferença entre a concepção de virtude em Aristóteles e a concepção de virtude que se segue posteriormente na concepção cristã, sobretudo na visão tomista, cuja base é aristotélica. Em relação a essa distinção, Kenny diz:

A descrição de Aristóteles da virtude como um justo meio pareceu ser um truísmo a bem mais de um leitor. Na verdade, é uma teoria ética singular que contrasta com outros influentes sistemas de vários tipos. Sistemas morais como as tradicionais doutrinas judaica e cristã dão ao conceito de lei moral (natural ou revelada) um papel central. Isso conduz a uma ênfase no aspecto proibitivo da moralidade, numa listagem das ações a ser completamente evitadas. (A maioria dos mandamentos do Decálogo, por exemplo, se inicia com “Não”.) Aristóteles acredita realmente que há algumas ações a ser completamente descartadas, como já pudemos observar, mas ele não afirma o mínimo necessário para a decência moral, mas sim as condições para a conquista da excelência moral (é isso o que, na verdade, significa *ethike arete*). (KENNY, 2008, p. 313)

Diante disso, vemos que os gregos definem a virtude com um significado distinto do que se designa por virtude em um contexto cultural cristão e que algumas virtudes foram acrescentadas. Para os cristãos, virtude é agir de acordo com a revelação, em vista da salvação, ou visando o amor de DEUS. Podemos ver que, as virtudes bíblicas são apresentadas em algumas passagens do Velho Testamento e do Novo, como por exemplo, no livro de Provérbios, capítulo 31, que é a passagem que melhor descreve as virtudes femininas, dentre as quais lá temos: a operosidade, o cuidado com as necessidades domésticas, a sabedoria da linguagem, entre outras. “Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas (...) Enganosa é a graça e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada” (Pro. 31: 29,30). Já o vocábulo *areté* grego (virtude, excelência moral) aparece no Novo Testamento, em: Fil. 4:8; I Ped. 2:9; II Ped. 1: 3,5. No caso de Filipenses 4:8 “(...) irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.”

Para Robertson (apud CHAMPLIN, 2001), um gramático do grego *koiné*, a ideia que vem de *areté* neste caso é sinônima de “louvor” e as palavras virtude e louvor poderiam ser consideradas aspectos da excelência moral dos crentes. O trecho II Pedro 1:3-11 é fundamental para o desenvolvimento do cristão em busca do acesso ao reino eterno: podemos ver que é algo gradual, pois ele descreve que primeiro vem a fé, segundo a virtude (esta requer a cooperação de Deus), e assim somente o crente poderá desenvolver as demais, que são: conhecimento, domínio próprio, a perseverança, a piedade, fraternidade, e por fim o amor (aquele que percebe o valor do objeto amado); este último é o mais importante na visão cristã.

De acordo com o livro de Sabedoria 8: 7, presente nas versões católicas da Bíblia: “E se alguém ama a justiça, saiba que as virtudes são frutos da Sabedoria: ela ensina a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza, que são os bens mais úteis na vida”. Estas virtudes são chamadas cardiais, ao passo que o apóstolo Paulo se refere a três virtudes cristãs principais: a fé, a esperança e o amor, em 1 Cor. 13:13. E os filósofos escolásticos fizeram a lista de virtudes aumentar para sete, acrescentando as virtudes platônicas às três virtudes paulinas da fé, da esperança e do amor. (CHAMPLIN, 2001)

4 AS AÇÕES VIRTUOSAS E OS SENTIDOS NA VIDA

Conforme vimos, o amor enquanto virtude era pensado desde os primórdios do cristianismo, do qual boa parte das fontes neotestamentárias foi escrita em grego. No grego, encontramos três principais acepções do Amor: *Eros*, *Philia* e *Ágape* (QUADROS, 2011). Comumente, *Eros* está ligado ao amor sexual, conforme Lewis relata; *Philia* está relacionado ao sentimento de amor existente nas amizades genuínas e *Ágape* é o sentimento mais sublime relacionado ao amor espiritual e incondicional.

Dessa forma, apesar de Aristóteles não dissertar especificamente sobre o amor, ele já reconhecia o valor desse sentimento nas relações humanas, principalmente na amizade verdadeira. Um exemplo disso é quando no Livro VIII ele se dedica a falar sobre a amizade e descreve três tipos de amizade, a saber, a amizade segundo o prazer, a amizade segundo a utilidade e a amizade segundo a virtude, ou a “amizade perfeita”; nos interessa aqui o terceiro tipo. A amizade (*Philia*) designa um amor virtuoso sem conotações eróticas (*Eros*) cuja motivação é o bem e a felicidade do outro.

Existem então três razões pelas quais os homens amam. A aproximação para as coisas inanimadas não se chama amizade, pois não existe retorno na afeição, nem um deseja bem ao outro (seria ridículo, sem dúvida, desejar bem ao vinho, mas se desejamos realmente algo, é sua conservação, de modo a tê-lo em nosso poder); mas quando se trata de um amigo, nos é dito que é nosso dever desejar coisas boas para ele. Mas aqueles que desejam coisas boas ao outro, nós os chamamos benevolentes, quando o desejo não é recíproco, pois não é porque a benevolência é recíproca que ela é amizade. Ou é preciso acrescentar-lhe quando é conhecida? Muitas pessoas, de fato, possuem benevolência por pessoas que elas nunca viram, mas que julgam honestas ou úteis, e uma destas pessoas pode experimentar o mesmo sentimento em relação à outra. Assim, essas pessoas poderiam ser benevolentes umas com as outras, mas como se poderia chamá-las de amigas, se cada uma delas não conhece os sentimentos da outra? É preciso então existir benevolência mútua, isto é, cada um desejando o bem do outro, e que ela tenha por causa um dos objetos que nós falamos. (ARISTÓTELES, 2016, p. 191)

Nessa passagem, podemos perceber algo interessante que coaduna com o que já havia sido posto. Aristóteles discorre sobre um tipo específico de amor – *Philia* – e inicia fazendo a distinção entre o sentimento de amor direcionado aos objetos, como “ao vinho”, e o sentimento de amor direcionado ao amigo. Ele enfatiza que para o sentimento ser propriamente de amor é preciso a reciprocidade, “a benevolência mútua”. Em outras palavras, o Estagirita está dizendo que é preciso que ambas as pessoas estejam engajadas mutuamente, que se importem mutuamente uma com a outra. Nesse sentido, já vislumbramos uma ligação pertinente entre a tese de Wolf e as ações virtuosas.

Mas, apesar de vermos fortes ligações entre as considerações que Aristóteles fez sobre o amor e a tese de Wolf sobre os sentidos na vida, nos seus escritos, ela desvincula a questão da significância na vida da questão de aspirar uma vida virtuosa, principalmente no sentido moral em que as virtudes foram empregadas em Aristóteles; para ela, são duas questões distintas, nesse sentido ela afirma que:

A nossa questão, a questão de haver ou não alguma razão para uma pessoa se esforçar por ter uma vida significativa e, caso haja, que razão é essa, não é exatamente a mesma do que a questão haver ou não alguma

razão para aspirar à virtude, e que razão é essa — apesar de estar mais próxima do que poderia parecer, se tivermos o cuidado de interpretar “virtude” no sentido lato e não especificamente no sentido moral de Aristóteles. Mesmo assim, como afirmei, Aristóteles não enfrenta verdadeiramente a questão e assim, apesar de eu encarar à minha maneira de pensar como aristotélica, em espírito, não é provável que um estudo acadêmico dos seus textos seja uma maneira eficiente de descobrirmos por nós uma resposta para a questão. (WOLF, 2007, p. 06)

Mesmo Wolf sendo explícita sobre a distinção entre sua perspectiva sobre os sentidos na vida e a aspiração a uma vida virtuosa e feliz em Aristóteles, ainda assim, seguindo algumas evidências, principalmente ao se perceber o amor como uma virtude, queremos argumentar em favor da hipótese de que as ações virtuosas são designadoras de sentidos na vida.

Levando-se em consideração a plausibilidade da tese de Wolf — que os atos feitos por amor e com amor constituem os sentidos na vida —, a questão que surge é como as ações virtuosas também podem constituir esses sentidos? Por que agir de forma virtuosa traz ao agente sentimentos de satisfação e felicidade?

O ser humano tem a propensão a buscar viver uma vida que vale a pena ser vivida. Essa vida, muitas vezes é composta por atitudes e ações que tornam o agente satisfeito consigo mesmo. O sentimento de felicidade por fazer o melhor que poderia ter feito, ou de conquistar coisas que queria. Para alguns, trabalhar e adquirir bens são as ações que dão sentidos na vida. Para outros, fazer as coisas que gosta, dedicar mais tempo à família e aos amigos, mesmo não tendo a possibilidade de adquirir muitos bens materiais é o que constitui os sentidos. Mas, para além dessas contingências, podemos buscar algo comum. Isso seria o sentimento de satisfação e felicidade que embasa as diferentes práticas das pessoas. Entretanto, dependendo do tipo de ação a satisfação pode ser temporária ou mais duradoura e é exatamente nas satisfações mais duradouras, decorrentes de ações concordantes com as virtudes que está a verdadeira felicidade. Nesse sentido, o amor — sentimento primordial da tese de Wolf — estaria dentro de um conjunto mais abrangente composto por diversas outras virtudes.

De fato, o sentimento de amor — seja direcionado às pessoas, como vimos em Lewis ou atrelado à amizade genuína defendida por Aristóteles, seja na perspectiva do “gosto” direcionado às atividades, projetos e objetos, como vimos em Wolf — está relacionado consciente ou inconscientemente à busca da felicidade. A felicidade, desde os gregos antigos é a finalidade das ações humanas e para alcançá-la é necessário viver racionalmente, moralmente, equilibradamente, ou seja, viver segundo a virtude. Assim, o agir virtuoso é a ação que permitirá ao homem ser feliz, pois somente agindo virtuosamente o sujeito terá condições para alcançar esse fim; e tal agir deve tornar-se um hábito, segundo Aristóteles, e segundo Wolf, tem que ser algo digno de amor, que se estenda para fora de si e alcance o próximo.

Utilizando as duas condições de significância de sentidos na vida descritas por Wolf e listadas anteriormente, buscaremos analisar se as ações virtuosas, para além das ações feitas por amor e com amor, mas pautadas na benevolência, na compaixão, na empatia, na justiça, entre outras, também são designadoras de sentidos na vida.

É notável perceber a contribuição das virtudes, pois elas ajudam a compreender algumas qualidades essenciais à formação do ser humano. Por exemplo, ter disciplina é algo que implica tanto no domínio próprio como também no equilíbrio da alma. Ter coragem para salvar alguém ou proteger o outro diante do perigo é algo nobre e grandioso. Ter empatia e compaixão quando alguém está

passando por um infortúnio, é algo que nos torna mais humanos e é um gesto de benevolência. Ser responsável, implica responder pelos próprios atos, bem como estar atento às implicações desses atos com relação às pessoas e o mundo em geral. Ser amigo de forma genuína é ser ao mesmo tempo franco, honesto, leal, como também ser crítico quando for necessário e desejar sempre o bem e a felicidade do amigo. Ter perseverança e fé nos momentos difíceis é algo também positivo, principalmente quando encorajamos aquele que está sem ânimo. Todas essas virtudes citadas, entre outras, são essenciais para as pessoas viverem bem e com harmonia, pois é preciso conscientizarem-se da necessidade do desenvolvimento natural das virtudes para que ocorra a redução de atitudes de violência, racismo, sexismo e outras semelhantes.

Podemos afirmar que muitas das ações que as pessoas praticam em busca da felicidade e que lhes dão sentidos são realizadas a despeito ou em total desconhecimento de algum sistema ético específico: é notável que realizamos as nossas ações também por amor a algo ou alguém. Pois, o que leva uma pessoa dar seu sangue ou suor pela sua família, país, justiça, humanidade, ideologia, crença etc., se não for por amor e por acreditar que esse amor é algo de valor e designador de sentidos. Apesar do amor ser algo supostamente abstrato, não precisa estar longe do campo prático, pelo contrário, pois no dia-a-dia percebemos muitos erros e distorções do que significa o amor: as pessoas falam deste sentimento ou de algumas ações amorosas sem entender de fato o que é, e como expressá-lo: alguns, dizem por exemplo; “é dessa forma que eu amo”, só que sua prática de expressão desse sentimento está ligada ao egoísmo, ao controle do outro, à impaciência, entre outras que não condizem com o que de fato é o amor.

Concordamos que as ações virtuosas estão direcionadas ao bem do ser humano e que as ações por amor tornam a vida de muitas pessoas bastante significativa e acrescentamos que as ações pautadas em virtudes tais como, justiça, bondade, empatia, compaixão, lealdade, entre outras, também participam na construção dos sentidos que tornam nossas vidas dignas de serem vividas. Assim, podemos pensar que algumas virtudes estão inseridas no próprio sentimento de amor, enquanto outras, juntamente com o amor, fazem parte do conjunto das ações virtuosas que engendram os sentidos na vida.

Podemos tomar como exemplo o impacto causado tanto por ações de amor quanto das virtudes em geral, em duas boas lições clássicas: a parábola do bom samaritano (Lc 10: 25,37) e o personagem Jean Valjean, protagonista da obra Os miseráveis, de Victor Hugo. A parábola do bom samaritano fala sobre a prática do amor e o cuidado ao próximo, demonstrando o quanto a empatia é algo tocante e ensinando a amar ao próximo como gostaríamos de ser amados, aceitos e acolhidos. Igualmente, notamos a empatia, o amor, o perdão e a benevolência do bispo com o ex-presidiário Jean Valjean que roubara castiçais e talheres da residência do sacerdote. A partir dessa ação do bispo, Valjean resolve mudar de vida, passando a ser um homem honesto e de bem. O ato de perdoar e dar uma segunda chance pode ser significativo na vida do bispo, uma vez que essas atitudes estão em concordância com as virtudes que ele acredita serem necessárias a um bom cristão; ademais, essa atitude congruente com suas crenças pode trazer-lhe um sentimento de satisfação e de paz interior. Outro ponto importante é que a atitude de perdoar pode estar atrelada ao próprio sentimento de amor ao próximo, ou simplesmente ao exercício dessa virtude por ela mesma.

Como vimos, Wolf define uma vida significativa como aquela que é pautada em atos feitos por amor e com amor para os objetos⁶ que são dignos de serem amados. Entretanto, fizemos uma distinção entre o amor direcionado às pessoas – utilizando as distinções propostas por Lewis – e o amor enquanto gosto direcionado aos objetos, atividades e projetos citados na tese de Wolf, pois, apesar de apresentarem diferenças de direcionamento, ambos causam no sujeito o sentimento de satisfação e felicidade. É exatamente esse sentimento evocado pela ação direcionada aos objetos dignos desse sentimento que conferem sentidos na vida. Em relação às ações virtuosas, utilizando as mesmas premissas da tese de Wolf, devemos perdoar aqueles que são dignos de serem perdoados, devemos ser justos com aqueles que são dignos de justiça, ser bons com aqueles que são dignos de bondade e assim sucessivamente para todas as virtudes. O problema de como valorar de forma objetiva aquele que é digno ou não dos direcionamentos continua o mesmo e reiteramos que o que se entende por “objetivo” o julgamento que está pautado em algumas razões externas ao sujeito.

Diante do que foi exposto até aqui, podemos associar que o amor é um elemento que está dentro do rol das virtudes e que todas fazem parte da natureza humana. Podemos dizer até que as virtudes se configuram como o potencial de um ser humano espiritual. Quando usamos a palavra “espiritual”, não estamos fazendo referência a dogmas religiosos ou a outros similares, mas simplesmente à capacidade de cada um de ser o máximo em seu interior. Primeiramente, é de suma importância ser um humano bem-formado, uma pessoa que sabe seu potencial, que desenvolve bem o seu interior. E é justamente as virtudes que auxiliam nessa formação: elas serão guias para ascender a uma vida digna, plena e com sentidos. E quando isto está bem desenvolvido e claro na mente da pessoa, não precisamos nos preocupar com certas questões do tipo: “Será que fulano é um bom cidadão?” “Será que ele vai ser um bom aluno?” “Será que ele vai ser um bom profissional?” “Será que ele vai ser ecológico?”, “Será que esse funcionário é ético?” Se você tiver um ser humano bem-formado em sua plenitude isso é automático.

Podemos observar no cotidiano da sociedade o quanto as pessoas mal conhecem a si mesmas, mal desenvolvem seu potencial interno e vivem como se fossem ausentes de sentidos, sem um prumo ou um norte na vida. Simplesmente vivem em uma esfera de busca constante de prazer e de fuga de sofrimentos. Também é notável ver o número crescente de pessoas doentes de depressão, ansiedade, transtorno bipolar, desmotivadas, neuróticas, com vazios existenciais, transtornos de personalidade, entre outros.

Por outro lado, as pessoas que buscam uma vida virtuosa são as que mais contribuem em seu meio social. Ou seja, elas não padecem facilmente, influenciam as outras positivamente, possuem maior resiliência, são mais equilibradas, pacientes e sabem lidar com os outros e com as circunstâncias difíceis, pois possuem uma atitude positiva em relação à vida, a si mesmas e aos outros. Dessa forma, os sentidos na vida dessas pessoas sempre estão atrelados às ações motivadas pelo sentimento de amor e pelas demais virtudes.

5 CONCLUSÃO

Conforme vimos, a questão sobre os sentidos na vida tem sido discutida contemporaneamente no âmbito da filosofia. Com base em uma das pesquisadoras

⁶ O termo objeto é aqui utilizado para designar pessoas, projeto, atividades e coisas, conforme já foi especificado no decorrer do texto.

do tema, Susan Wolf, procuramos defender que ações virtuosas também são designadoras de sentidos na vida. A partir disso, as principais colocações foram: a tese de Wolf a respeito de uma vida significativa é baseada na classe de ações que não são pautadas nos deveres morais nem na dicotomia egoísmo e altruísmo, mas sim, nas ações por amor, que tornam a vida significativa. Diante dessa contribuição, percebemos algumas lacunas a serem preenchidas na tese de Wolf a exemplo da indefinição do o que é o amor. Neste sentido, utilizamos a tese de Lewis sobre o amor a fim de clarificar em quais acepções poderíamos compreender o amor. Além disso, antes de conectarmos as ações virtuosas à tese da significância de Wolf, procuramos mostrar resumidamente sobre as virtudes e suas relações com a felicidade em Aristóteles. Feito isto, procuramos estabelecer a relação entre ações virtuosas e as amorosas e os sentidos que atribuímos a diversas coisas de forma a vivermos vidas que valem a pena serem vividas. Assim, percebemos que as ações de amor não são as únicas fontes de significância, pelo que, podemos dizer que as ações virtuosas também têm suas colaborações.

Chegamos à conclusão de que as virtudes englobando o amor são os elementos que estão na base motivacional das nossas ações e que nos conduzem a vidas satisfatórias. De fato, a questão dos sentidos na vida é um tema de suma importância, principalmente no contexto social que vivemos atualmente. Mesmo em se tratando de algo que seja relativo ao sujeito em certa medida, não significa que não podemos ter algumas respostas ou caminhos para nos apoiar em questões que perpassam as complexidades da vida em sociedade. Além disso, foi possível percebermos que é um assunto complexo, dado envolver questões abstratas (como algumas definições e valorações) e concretas (refletindo sobre questões práticas da vida) e que por sua especial natureza ainda há muito a ser explorado.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4ª edição. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de promessa**. Tradução João Ferreira de Almeida. 14. ed. São Paulo: King's Cross, 2010.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. v. 6. São Paulo: Hagnos, 2013.

HOBUSS, João (org.). **Ética das virtudes**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

KENNY, Anthony. **Uma Nova História da Filosofia Ocidental**. v. I: Filosofia Antiga. Tradução de Carlos Alberto Bárbaro. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

LEWIS, C. S. **Os quatros amores**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Ética de Platão a Foucault**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

QUADROS, Elton Moreira. Eros, Fília e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã. In: **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. v. 33, n. 2. Maringá, 2011. p. 165-171.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: Filosofia Pagã Antiga, v. 1. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

WOLF, Susan. **Meaning in life and why It Matters**. Princeton University, 2010.

WOLF, Susan. **Meaning in Life and Why It Matters Lectures I & II: The Tanner Lectures on Human Values**. Princeton University, 2007.

WOLF, Susan. **Os sentidos das vidas**. Crítica na Rede. Tradução: Desiderio Murcho. Disponível em: <https://criticanarede.com/sentidosdasvidas.html>. Acesso em: 29 out. 2020.